

DS

ARTIGO

EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA  
NA ESCOLA DO CAMPO

O artigo desta semana é antes de tudo uma homenagem a uma educadora que como tantas outras mulheres guerreiras que seguraram a educação desse país buscou se qualificar sem deixar de lado a escola onde atua. Estou me referindo a professora Rebeca Ferreira Carvalho, professora da rede municipal de ensino de Cáceres, atuante no núcleo Sapiquá na fronteira do Brasil com a Bolívia e que se tornou mestre em Educação Inclusiva pela Unemat concluindo sua dissertação no último dia 21 de setembro.

O programa de pós-graduação em Educação Inclusiva - PROFEI é uma rede nacional da qual a Unemat faz parte e que oferta mestrado profissional objetivando promover a política pública desta área tão carente de atenção e investimento. E se a realidade de uma escola urbana já não é das melhores o que dizer das escolas do campo e ainda por cima em região de fronteira. Fazer a educação acontecer ali é tarefa para poucas pessoas de coragem.

A Secretaria Nacional de Educação Especial do Ministério da Educação estabeleceu em 2008 a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Esse marco temporal é importante para observarmos o quanto é recente uma política de Estado para essa área. Não que o trabalho realizado por instituições de educação especial há muitas décadas não seja importante, mas a visão capacitista presente na sociedade brasileira impedia avanços maiores nessas políticas.

Hoje em todas as conferências de educação vemos a pauta da educação inclusiva presente e temos também uma preocupação em investir nos profissionais que irão trabalhar no atendimento deste público e a rede PROFEI é um exemplo desta preocupação institucional. Mas será que o atendimento na escola do campo ocorre de forma similar ao da escola urbana?

Vemos que o modo de vida no campo não difere do urbano apenas por uma questão localizacional. A dinâmica de uma escola no campo e do campo é bem diferente. O processo de se constituir enquanto campo envolve questões identitárias que só fazem sentido para quem vive essa realidade e isso influi em materiais didáticos, formação específica e interdisciplinaridade à flor da pele para compreender a complexidade dos sujeitos que ali estudam.

Na região de fronteira isso tudo está elevado ao cubo. Existe também a questão da identidade pela língua. Rebeca nos contou que os bolivianos que atravessam a fronteira para estudar no nosso país tentam se passar por brasileiros, mas a língua entrega. “Soy brasileiro” dizem eles. Eu fico pensando no quanto a educação é um processo social complexo. Uma escola que atende uma criança boliviana no campo ao mesmo tempo atende a perspectiva da educação inclusiva, do campo e de fronteira. Por tudo isso quem se dedica e compreender e principalmente se debruçar sobre estes temas fazendo deles sua vida merecem todo o nosso respeito e admiração.

Miguel Rodrigues Netto é Jornalista/UFMT, Licenciado em Letras/Unicesumar, Mestre em Política Social/UFMT e Doutor em Ciências Sociais/PUC/SP. Professor Adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

JORNAL DIÁRIO DA SERRA

Propriedade da  
AJOTA

ASSOCIAÇÃO JORNALÍSTICA DE TANGARÁ DA SERRA  
CNPJ: 29.464.235/0001-16

Av. Tancredo Neves - 1247 W - Parque Mansões  
78302-028 Tangará da Serra-MT

ISSN 22386467

REDAÇÃO

DIREÇÃO DE JORNALISMO  
Fabiola Tormes

CONTATO  
ds@diariodaserra.com.br

Envie Pautas, Fotos Sugestões  
e Vídeos para o whatsapp do  
DIÁRIO DA SERRA

(65) 3326-4724

www.diariodaserra.com.br  
www.ds.jor.br

TIRAGEM  
1 MIL EXEMPLARES

CIRCULAÇÃO

Tangará da Serra, Nova Olímpia,  
Barra do Bugres, Porto Estrela,  
Campo Novo do Parecis,  
Sapezal, Denise, Arenópolis,  
Nortelândia e Santo Afonso.

CENTRAL DO ASSINANTE  
(65)3326.6501

DEPARTAMENTO COMERCIAL

PUBLICIDADE ASSINATURA  
PUBLICIDADE LEGAL

Associação Jornalística de Tangará da Serra - AJOTA

SERVIÇOS GRÁFICOS  
E. Tormes e Cia. LTDA  
CNPJ: 14.048.123/0001-07

CONTATO: adm@diariodaserra.com.br  
Fone: (65) 3326-4724